

## REENCONTRO COM A MEMÓRIA DA AUSÊNCIA: UMA INVESTIGAÇÃO FOTOGRAFICA A PARTIR DA PATERNIDADE

ANDRE DIAS RODRIGUES<sup>1</sup>;  
RICARDO HENRIQUE AYRES ALVES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – andre13t@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – ricardohaa@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho se propõe a investigar os signos e performances na paternidade que nos atravessam na arte e na cultura visual. Tal trabalho se origina de uma pesquisa prévia, na qual relacionei a ausência na reprodução de signos da paternidade afetiva nas artes visuais ao longo do tempo, num recorte que vai das obras europeias greco-romanas até o modernismo, como base nas teorias de Aby Warburg sobre Pathosformel e Nachleben, desenvolvidas através dos seus painéis chamados de Atlas Mnemosine. Uso na minha pesquisa como base sua teoria que trabalha com o conceito da memória coletiva que permanece nas imagens através do tempo e na cultura, onde proponho revelar a sua ausência iconográfica na produção de imagens desses períodos artísticos em suas produções e reproduções ao longo do tempo. No presente trabalho me proponho, através do tema da ausência paterna, um paralelo da minha com a experiência, a partir de uma prática artística, fotografar possíveis figuras paternas capturando essas imagens, e criando uma coleção do que me atravessou. A partir desses signos, que vejo nos outros, mas não através da minha própria memória visual, e sim pela experiência alheia, seja através de seus corpos, suas imagens, cultura e performances.

Ao desenvolver o trabalho *Reencontro* (2024) (imagem 1), apresentado na exposição Carta ao Pai, organizada pelo Prof. Ricardo Ayres com texto curatorial por Letícia Abreu, parto de uma investigação em formato de constelação, criando uma relação do que vemos na performatividade da paternidade em nosso dia a dia, no que os corpos apresentam, certos signos e gestualidades, seja conscientemente ou não. São estereótipos que, através da sobrevivência, seja das imagens ou das culturas, através do tempo conseguimos reconhecer. Nesse sentido, minha proposta vem dessa relação de “esbarrar” no objeto a ser fotografado, como se minha relação com a ausência não fosse sua falta de corpo, mas a presença de outros que me fazem sentir sua falta, física ou mental, seja o jeito de andar ou de gesticular, seja as lembranças que não vou lembrar, os trejeitos que nunca vou reparar nos outros. Evidenciar esse sentimento de esbarrar com a possibilidade de existir, lidar com o que poderia ser e que nunca vou saber devido à ausência da figura paterna em boa parte da minha vida.



Imagem 1: Registro Obra “Reencontro”, 2024.

Ao colecionar essas imagens proponho montar essa constelação de imagens, que ajuda não só vislumbrar uma possível existência, mas possibilita chegar perto do que um dia poderia ter se tornado essa construção de paternidade em mim, onde pudesse alcançar algo familiar.

## 2. METODOLOGIA

Tive como metodologia para o desenvolvimento dessa pesquisa em poéticas visuais a realização alguns encontros e conversas com orientações, referências imagéticas, leituras e discussões com foco em desenvolver tal processo criativo, construir assim uma base teórica, bibliográfica e imagética que sustenta o processo e disparar essas conexões que viram no ato de feitura e processual da pesquisa. Após a elaboração do trabalho prático, a sua montagem e publicização em espaço de galeria consistiu na última etapa da pesquisa, que mostrou a necessidade de pensar a relação da obra com o ambiente expositivo.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim como no texto, a imagem que construí vem dessa necessidade de contar uma história “montar e desmontar a história para começar uma vez mais, pelo simples capricho da lembrança” (Abreu, 2021, p. 17.). Penso que trazer a intenção de preencher essa lacuna de lembranças seria uma maneira de lidar com o que não sei e/ou o que nunca vou acessar, seria então essa falta de imagem no caso, minhas lembranças. Substituindo os símbolos pelos que

chegam até mim, partindo desse referencial que vem da convivência de outros pais e outros corpos, na cultura.

A face de meu pai permanece em minha memória, eu sei bem, mas não a alcanço, todavia, então seus traços desaparecem de minha lembrança. “Desaparecer” é o ato ou efeito de não poder ser visto, seja por ocultação e ausência de manifestação, seja por morte. (Abreu, 2019, p. 19).

Entendo que esses símbolos gastos na minha memória vão se apagando ao longo do tempo, tirar essas fotos é uma tentativa de vislumbrar essa memória, vislumbrar o que poderia ser, recuperar algo que já está perdido. Testemunhar esse símbolos através da foto é um modo de criar, fabular uma relação, testemunhar esses signos que me remetem à paternidade.

A imagem edifica a presença parcial e encenada como um monumento criado para homenagear e fazer o sujeito atravessar a história, perpetuando sua sobrevivência mnemônica à posterioridade (Abreu 2019, p. 20).

Em seu texto, Abreu traz vários pensadores que escrevem sobre a memória, como Maurice Halbwachs que entende a lembrança como coletiva e Warburg que teoriza a memória coletiva compartilhada através das imagens ao longo do tempo numa maneira coletiva, por tanto, proponho um acesso a paternidade através dessa memória coletiva, de fora, de que esses signos, esses arquétipos que são culturalmente compartilhados e reproduzidos ao longo do tempo, então perceber esses símbolos nos outros remeteria ao que eu teria tido é absorver algo dessa ausência: tirar fotos e montar essa coleção seria uma maneira de me reaproximar da performance de meu pai.

A proposta foi inserida na mostra Carta ao Pai, uma coletiva com alguns artistas convidados que tinham trabalhos relacionados ao tema. Nesse contexto, minha produção de um trabalho poético a partir das discussões teorias criando essa constelação através da montagem de fotografias compôs com outras proposições, como as de Alessandro Flores, Arleson Costa, Pablo Escobar, Pedro Parente e Ricardo Ayres. Trago uma imagem da série em destaque, que mostra o tratamento das imagens em preto e branco assim como a performatividade e a gestualidade que remetem a uma pessoa performando a paternidade e masculinidade (imagem 2).



Imagem 2: Foto da obra “Reencontro”, 2024.

#### 4. CONCLUSÕES

Este trabalho se propôs a pensar na paternidade e seus símbolos, e por tanto em seus desfechos nas produções de artes, nas construções dessas imagens, pesquisar e pensar através da experiência de si compartilhada por essa memória coletiva das imagens. A partir do que Didi-Huberman (2013) pensa sobre a desterritorialização da obra num momento de uma soberania do artista em relação ao território do objeto, entendo um caminho sobre o limite do que é e não é arte. Ao registrar essas fotos eu trago nessa relação de território da memória, entre o que lembro e o que os outros lembram tento andar no limite da representação rememoração desses gestos e dessas relações.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, L. S. **Desaparecimentos**: existências intermitentes. 2021. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre 2021.

Didi-Huberman, G. (2012). O Rosto e a terra: Onde começa o retrato, onde se ausenta o rosto. **Porto Arte** Revista De Artes Visuais, Porto Alegre, v. 9 n. 16, p.61-82, 1998. <https://doi.org/10.22456/2179-8001.27751>

Didi-Huberman, G. **Sobre o Fio**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2019.

Warburg, A. **Histórias De Fantasma Para Gente Grande**: escritos, esboços e conferências. Organização Leopoldo Waizbort ; tradução Lenin Bicudo Bárbara. — 1<sup>a</sup>- ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015. Título original: Aby Warburg: Werke in einem Band — Gesammelte Schriften.